

O lugar do Feminismo Negro no Cotidiano de Mulheres de Axé

Luzineide Borges¹
neide.luzi@gmail.com

Resumo: Se revisitarmos a história do feminismo, principalmente nos primeiros anos de sua constituição, a diferença está principalmente e exclusivamente na questão racial. Enquanto as mulheres brancas na Europa e nos Estados Unidos lutavam por direitos a igualdade de gênero, sobretudo os direitos ao mundo do trabalho e ao voto, as mulheres negras que já trabalhavam, lutavam pelo direito de existir enquanto mulheres, ou seja, lutavam pela sua humanidade e não tiveram as suas pautas quanto ao fato de serem mulheres e negras. Para as mulheres negras de axé, além da questão de gênero, raça e classe, elas também lutam contra o racismo religioso. Nesta pesquisa, usei ouvir as mulheres negras de axé, mães solas que são responsáveis pela criação e educação dos (as) filhos (as). Para essas mulheres, além de lutar contra o racismo religioso, elas lutam pela sobrevivência da família e encontram no terreiro apoio, afeto e a colaboração dos (as) irmã (os) de axé para a constituição dos laços parentais. Para essa reflexão, apresento as narrativas de quatro mães solas que pertencem ao *Ilê Axé Odé Omopondá Aladê Ijexá*, localizado no Banco da Vitória em Ilhéus – BA, como intelectuais sociais que produzem saberes, e são autoras da própria existência. A pedagogia do pertencimento presente nos Terreiros de Candomblé tem como aporte epistemológico a epistemologia da ancestralidade e a metodologia da encruzilhada.

Palavras-chave: Feminismo Negro. Mulheres de Axé. Pedagogia do Pertencimento. Redes Educativas.

The place of Black Feminism in the Daily Life of Axé Women

¹ Doutora em Educação e Professora Adjunta da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Pesquisadora no Grupo Azânia – Grupo de Pesquisa em cultura, gêneros, sexualidades, religião, performance e educação da UNILAB/CE.

Abstract: If we revisit the history of feminism, especially in the early years of its constitution, the difference is mainly and exclusively in the racial issue. While white women in Europe and the United States fought for gender equality rights, especially rights to the world of work and voting, black women who already worked, fought for the right to exist as women, that is, they fought for their humanity and did not have their guidelines as to the fact that they are women and black. For black women of axé, in addition to the issue of gender, race and class, they also struggle against religious racism. In this research, I dared to listen to black women from axé, single mothers who are responsible for raising and educating their children. For these women, in addition to fighting religious racism, they fight for the family's survival and find support, affection and the collaboration of the axé sisters in the terreiro for the establishment of parental ties. For this reflection, I present the narratives of four solo mothers who belong to Ilê Axé Odé Omopondá Aladê Ijexá, located at Banco da Vitória in Ilhéus - BA, as social intellectuals who produce knowledge, and are authors of their own existence. The pedagogy of belonging present in the Candomblé terreiros has an epistemological contribution to the epistemology of ancestry and the crossroads methodology.

Keywords: Black Feminism. Axé women. Pedagogy of Belonging. Educational Networks.

1 Iniciando as reflexões

“Meu tempo é agora”.

Mãe Stella

O feminismo é um movimento histórico nascido na metade do século XIX, que ganhou força no século XX e se reinventa ainda no início do século com as diversas pautas apresentadas pelas mulheres que são múltiplas e diversas. Hoje, podemos falar em feminismo negro, africano, indígena, das sapatonas, das transexuais, das bissexuais e uma nova coletividade que também luta contra as opressões patriarcais e raciais, a mulherisma africana ou/o matriarcado africano. Todos esses movimentos que eclodiram têm reivindicado o direito de sermos o que quisermos ser, onde quisermos e com quem quisermos (RIBEIRO, 2018). A luta pela ocupação nas ruas, a luta pelo afeto e pela sexualidade, o direito ao nosso corpo e suas múltiplas ocupações no mercado e também no mundo das políticas são pautas reivindicatórias do movimento feminista negro (*Black Feminism*).

Atravessadas pelo genocídio da população negra, pelo feminicídio, pela baixa escolaridade, pelo desemprego, pelo abandono do parceiro na criação dos filhos e das filhas, e pelo epistemicídio acadêmico, várias pesquisadoras negras tomaram os estudos sobre: raça, gênero e classe como espinha dorsal do fazer e do estar nas universidades. Podemos destacar os estudos desenvolvidos pelas estadunidenses Audre Lorde, Ângela Davis, Patrícia Hill

Collins, bell hooks, Kimberlé Crenshaw, entre outras. E as produções e reflexões das feministas negras mais ao “Sul”, incluindo as pensadoras latino-americanas, caribenhas, brasileiras e africanas como: Grada Kilomba, Amina Mama, Minna Salammi (África), Mara Viveiros Vigoya, Yuderkis Spinosa, Ochy Curiel (América Latina e Caribe), Beatriz Nascimento, Beatriz Moreira, Lélia Gonzalez, Luiza Bairros, Sueli Carneiro, Jurema Werneck, Djamilá Ribeiro, Fátima Lima e Joselina Silva (Brasil). Com essas pesquisadoras, aprendemos que o feminismo é ,antes, de tudo uma prática vivenciada por todas as mulheres no mundo, em seus mais diversos espaços/tempos e múltiplas experiências. O feminismo vai além do seu conceito e é obvio que da forma como nasceu na Europa ele já não atende mais (WERNECK, 2005).

Trago neste artigo as experiências cotidianas de quatro mulheres de axé que têm suas vidas marcadas pelas lutas como mulheres, negras, mãe solo e do axé. São intersecções que juntas causam invisibilidades e silenciamento, marcando não só as lutas pelo direito de existirem como mulheres negras, mas também de permanecerem vivas e poderem ver seus filhos e filhas crescerem e permanecerem dentro da religião, a qual escolheu como lugar para reconstruir a humanidade. A luta dessas mulheres são contra o racismo, o machismo, o sexismo, a misoginia e o racismo religioso.

Nesta pesquisa, usei ouvir as mulheres negras de axé que constitui famílias monoparentais, as mães solas². Para essas mulheres, além de lutar contra o racismo religioso, elas lutam pela sobrevivência familiar e encontram no terreiro apoio, afeto e a colaboração da família de axé. Para essa reflexão, apresento as narrativas das mães solas que pertencem ao *Ilê Axé Odé AladêIjexá*, terreiro de Candomblé localizado no Banco da Vitória em Ilhéus – BA, como sujeitas que produzem saberes, que são autoras da própria existência. Os relatos apresentados são frutos de rodas de conversas com essas mulheres no terreiro e da netnografia realizada nos perfis do Facebook e do grupo do terreiro no Whatsapp. As narrativas dessas mulheres negras são tecidas a partir dos saberes ancestrais que as constituem e com elas vou me reconstituindo como mulher negra, de axé e professora universitária.

² Considerando que mãe não é só estado civil, *mãe solo* é termo utilizado pelo movimento feminista, na contemporaneidade, para designar as mulheres que são responsáveis pela manutenção da família e não contam com a participação paterna. É o substituto para mãe solteira.

2 O sagrado feminino que forma Mãe Darabi: dos palcos da vida para o barracão do terreiro

Vida, memória e resistência marcam os terreiros de Candomblé, nos quais essa memória é viva, preservada e transmitida de geração a geração pela tradição oral (CARNEIRO: CURRY, 2008). O povo nagô³ teve, desde a senzala, sua reexistência forjada na religiosidade do viver.

Os espaços construídos para o culto aos orixás obedeceram a um imaginário nagô, foram preservados a custo de lutas, sofrimentos, perseguições e toda uma sorte de resistências. As casas de culto terminaram por ficar conhecidas como terreiros e a prática religiosa, como Candomblé (PÓVOAS, 2007, p. 204).

Mãe Darabi é seu *orunkó*⁴. Seu nome civil é Alba Cristina Soares, mulher, negra, capoeirista e formada em Educação Física. Mas na vida preferiu ser artista e, além de ser atriz, é uma brilhante poetisa e mãe solo de Iajima, filha única que foi criada com seus únicos esforços. Para criar sua filha, mãe Darabi usou de muita ginga, força e criatividade. Foi formadora por muitos anos dos programas de formação de alfabetizadores (as) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Além disso, fazia salada de frutas para vender em casa. A imagem 1 apresenta mãe Darabi, em frente a lagoa de Oxum, no espaço sacralizado ao orixá Oxóssi, que costumamos chamar de Terreiro de Candomblé. Esse espaço, tem 4,5 hectares dentro da Mata Atlântica, numa área de preservação ambiental. O espaço físico, do terreiro, foi comprado em 2010, com o dinheiro da venda do seu apartamento, único bem material que ela tinha em Itabuna na Bahia. Hoje ela mora aluguel, mas segue na esperança de superar este desafio.

³ A nação Ijexá utiliza o termo povo *nagô* como um registro identitário. Povo *nagô* é o mesmo que povo de axé para nação Ketu. Também está presente nas literaturas de Póvoas (2007, 2009, 2011) e Sodré (2017) e Luz (2013). *Nagô* é o nome que se dá ao Yorubá no ou aos africanos da Costa dos Escravos que falavam ou entendiam o *yorubá*. *Nagô* é nome dado, no Daomé (hoje República do Benin), pelos franceses ao Yorubáno: do termo da língua efé anagó.

⁴ *Orunkó* é uma palavra em yorubá que significa nome. Os iniciados recebem após a feitura do santo. Ele é composto de uma parte que é revelada, publicamente, e usado no cotidiano e a outra parte fica em segredo entre o iniciado e a yalorixá. Darabi é o *orunkó* de Alba Cristina e significa: Vida maravilhosa.

Imagem 1 - Mãe Darabi no terreiro.

Fonte: *Etnoprintgrafia* da foto compartilhada no Facebook (2020).

E sempre que a vida era mais generosa, ela ia para o Pelourinho, em Salvador – (BA), viver a atriz e poetisa que sempre quis ser. Com várias participações em documentários, filmes e saraus no Litoral Sul da Bahia e em Salvador, seu trabalho mais recente como atriz foi uma participação especial em na novela *Velho Chico* da emissora de televisão Globo, na qual protagonizou uma freira, professora em um convento.

Lembro-me que esse papel fez com que mãe Darabi rememorasse o que a levou se tornar candomblecista e essa memória foi dividida com seus filhos no grupo do Whatsapp: “Filhos meus, será que aquela freira que eu interpretei na novela foi a mesma que me tirou a hóstia da minha boca?! Ai meu Deus (risos)”. E aí todos mandavam *emoticons*, expressando quão contagiante era e sempre são as gargalhadas dela. Risadas à parte, essa história não é muito engraçada. Porém, servirá para situar, quem não conhece Alba Cristina, hoje, Mãe Darabi, nesse contexto da sua participação na novela e a relação com a freira, entre várias histórias de dor e negação que marcam a sua história de reexistência. Mãe Darabi conta porque deixou de ser católica. Segundo ela:

Um dia, eu estava morrendo de fome, sem ter o que comer em casa, e aí fui para missa rezar, pedi para que Deus me tirasse daquela situação. Na hora da comunhão, momento de receber a hóstia consagrada, fui para fila para receber a única refeição daquele dia. Foi quando uma freira que, de cabeça baixa, distribuía a hóstia, levantou a cabeça quando chegou a minha vez e, já me oferecendo o “Corpo de Cristo”, súbita e inexplicavelmente, segurou a hóstia e disse: “Você não vai receber não, que você não confessou!”. A freira tirou a hóstia da minha boca e a última esperança de refeição. Aquele foi o último dia em que entrei na Igreja Católica para rezar. É claro que quando meus amigos e amigas me convidam para casamentos ou batizados eu vou, porque não sou de guardar mágoa de ninguém!

A igreja católica perdeu uma “ovelha negra” e nós ganhamos uma excelente *Yalorixá*. Todas as vezes que vamos fazer o nosso *ajeum* (refeição) na casa de Odé⁵, ela conta essa história com a tranquilidade e a leveza de quem aprendeu muito com o gesto da freira: “Gente, todo mundo já comeu? Olhe lá, hein! Não quero ninguém passando fome aqui!”. Ou “Guardem *ajeum* para o menino de *Ogum* que ele está pelo mundo e a gente não sabe se por onde ele anda tem comida!”. E ainda tem essa: “Meus filhos, não desperdice o *ajeum*! Tem muita gente pelo mundo que não sabe se vai comer hoje, porque conta com a solidariedade de outras pessoas!”. Mãe Darabi não é só um nome *nagô*. Darabi é a expressão de uma pessoa que vive o que é, e é o que vive. Essa é uma das suas mil formas de cuidar de seus filhos. Quando pergunto à mãe Darabi se ela é mãe de Santo, ela prontamente responde-me:

Minha filha, a expressão mãe de santo é uma expressão que existe desde que eu me entendo como gente, mas não me considero mãe de santo, mesmo porque, para minha compreensão, não me encaixo nessa expressão, quem sou eu para ser mãe do meu orixá? Eu sou *Yalorixá* Darabi e me considero mãe dos filhos que meu pai *Oxóssi* me responsabilizou para eu cuidar e cuidar do meu orixá. Também auxilio cada um de vocês a cuidar do seu orixá também. É isso que sou!”.

Assim, os seus filhos e filhas seguem sob os cuidados de mãe Darabi e a proteção dos Orixás. Depois de mais de quatrocentos anos de luta contra a discriminação racial e religiosa, o povo *nagô* busca cuidado e reontologização de afetos e cuidados parentais nos terreiros e comunidade negras, mas se assumir como povo de terreiro ainda é um grande desafio. Nunca foi fácil para o povo de axé assumir a identidade deles. Na época da escravidão, no Brasil, os negros que vieram dos países africanos foram proibidos de cultuar religião deles, falar a

⁵ Odé na língua yorubá significa caçador, que é uma das qualidades do orixá Oxóssi, assim os pertencentes do terreiro usam a expressão “casa de odé” quando se referem ao terreiro.

língua e utilizar qualquer insígnia que representasse o axé e, conseqüentemente, as heranças culturais⁶. Vários foram os processos de resistência que o povo *nagô* utilizou para preservar a identidade religiosa. O sincretismo religioso e o silenciamento da fé desses povos são algumas das estratégias de luta mais utilizadas. Quem nunca ouviu a expressão “coisa de preto” como uma negativa à identidade cultural brasileiro. E a “coisa de preto⁷” que foi e é a nossa cultura, a nossa história e a nossa identidade negada foram reconstruídas nos terreiros de Candomblé, os verdadeiros guardiões da nossa história, cujas mulheres negras foram as primeiras guardiãs dessa cultura e fundadoras dos primeiros Terreiros de Candomblé.

A força de Mãe Darabi vem de Iyá Nasso, primeira yalorixá da primeira casa de axé na Bahia, a Casa Branca⁸; de Mãe Aninha, fundadora do *Ilê Axé Opô Afonjá*, Mãe Stella de Oxóssi e de Mãe Senhora⁹. Mulheres negras, que no final do século XIX e no século XX, lutaram contra as opressões sociais e econômicas no final do sistema escravocrata e especialmente após a “Abolição da Escravatura” (CARNEIRO: CURRY, 2008, p. 121). Foram essas mulheres as primeiras a garantirem condições econômicas, culturais e sociais para que os filhos e filhas de santos reconstituíssem as referências de lutas na diáspora africana. A força das mulheres negras esta presente nas suas lutas que enfrentam para garantir sua sobrevivência e dos seus familiares.

As mulheres negras estão na base da construção do nosso país, das empregas domésticas, que deixam seus filhos sozinhos, em casas, para garantir sua sobrevivência (alimentação, aluguel, luz, água, material escolar), à feirantes no comércio informal, manicures, cabeleireiras, marisqueiras, ambulantes nas praias. É da força do seu trabalho que mais da metade das famílias monoparentais movimenta a economia desse país. Elas lutaram para que as descendentes delas seguissem lutando também, mas que buscassem nos estudos

⁶ Ver mais em: (CHIAVENATO, 2012); (PÓVOAS, 2007, 2009); (LUZ, 2013).

⁷ Frase proferida pelo jornalista William Waack, jornalista do Jornal Globo em 08.11.16 enquanto fazia a cobertura da eleição do Donald Trump nos EUA e alguém passa buzinando enquanto ele aguardava para entrar ao vivo. O vídeo foi publicado por seus colegas de trabalho e viralizou nas redes sociais digitais a partir da [#écoisade preto](#). A frase foi considerada racista e graças ao ativismo digital dos vários movimentos sociais que lutam contra os racismos no Brasil e no mundo, o jornalista foi demitido.

⁸ O Ilê Axé Iyá Nassô Oká, conhecido como Casa Branca, é o mais antigo terreiro de Candomblé de Salvador, sendo também o primeiro monumento de culto afro a ser tombado pelo Iphan, em 1984.

⁹ Foi Iyalorixá do Ilê Axé Opô Afonjá em Salvador no período de 1942 a 1967, consolidou-se uma das maiores líderes religiosas da história do Brasil. Ver mais em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_Bibiana_do_Esp%C3%ADrito_Santo.

Caderno de Produção Acadêmico-Científica (UFES)

novos formas de inserção no mercado informal. A imagem 2 apresenta três gerações de mãe Darabi.

Imagem 2 - Três gerações diferentes. Da esquerda para o centro, mãe Darabi, sua mãe sanguínea e Iajima Silena, sua filha.



Fonte: *Etnoprintgrafia* do perfil de Iajima Silena (FACEBOOK, 2020).

Ainda é pauta de luta das mulheres de axé a reconstrução familiar, o afeto parental e a escolarização de seus filhos e filhas. Mãe Darabi é mãe consanguínea de Yajima. Com todos os esforços de uma mãe negra, mãe Darabi conseguiu que sua filha concluísse os estudos numa universidade pública, em um curso majoritariamente branco. Yajima fez comunicação Social na UESC. O desafio de Yajima é mudar o rumo da história de seus descendentes. Sair do mercado informal, lutar contra o analfabetismo que atinge a maioria das mulheres negras e melhorar as condições de vida da futura geração de seus familiares.

Além, dos cuidados com sua filha sanguínea, mãe Darabi é Yalorixá (Mãe de Santo) de mais de 100 mulheres e homens que formam o seu *ilê* (casa). Os filhos e filhas de santos

Caderno de Produção Acadêmico-Científica (UFES)

que compõem o *ilê*, são diversos em gêneros, sexualidades, raça/etnia e idades: mulheres e homens heterossexuais, lésbicas, gays, bissexuais, idosos (as), jovens e crianças, que buscam na vida comunitária alternativas de sobrevivência e agregação social. A imagem 3 ilustra um dos nossos encontros da nossa família de axé.

Imagem 3 - Mãe Darabi e seus filhos do axé.



Fonte: Coletivo A coisa Está Ficando Preta (FACEBOOK, 2020).

A análise à imagem 3 com Mãe Darabi sentada e cercada por alguns dos filhos e filhas *dela*, fez-me pensar no conceito de família no sentido africano. “A família, na África, é sempre ampla. A pessoa nunca se refere ao seu primo como ‘primo’, porque isso seria um insulto, ela chama seus primos de irmãos e irmãs. Seus sobrinhos, de filhos. Seus tios, de pais. Suas tias, de mães” (SOMÉ, 2007, p. 24).

A filósofa Somé (2007), ao descrever os ensinamentos ancestrais sua aldeia Dagara, que fica em Burkina Faso, oeste da África, fala dos sentimentos de pertencimento que constituem a vida em comunidade. Um dos pertencimentos é a família extensa. Segundo a autora, “é preciso uma aldeia para criar uma criança” (SOMÉ, 2007, p.71). Nos terreiros, essa família extensa é reconstituída a partir das figuras de pai e mãe de santo, dos *ogans* (pais) e *ekedis* (mães pequenas), que são pessoas iniciadas na religião, que não entram em transe, ou seja, pessoas que possuem cargos, zelam pelos orixás e desempenham funções diversas, que auxiliam na manutenção e estrutura da vida comunitária do terreiro, mas não recebem santo. Somos irmãos, pais, mães em potencial e temos responsabilidades na formação do *Egbé* (comunidade). A *yalorixá* sozinha não dará conta da reconstituição familiar do Terreiro; é

preciso que os demais pertencentes colaborem para a formação familiar dentro e fora do *ilê*. Como sempre diz mãe Darabi: “me ajudem! Porque sozinha eu não aguento!”.

3 O Terreiro e sua importância na reconstrução dos laços de parentescos

Se uma criança cresce achando que sua mãe e seu pai são sua única comunidade, quando tem um problema e os pais não conseguem resolvê-lo, ela não tem ninguém a quem recorrer (SOMÉ, 2007, p. 41).

Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 57,3 milhões de casas são chefiadas por mulheres, isto é, 38,7% dos lares. Nesses lares, o número de mulheres negras que assumem a responsabilidade financeira da família chega a 55,2% do total, ou seja, somos maioria. Apesar de ser uma situação comum, ser uma mãe solo é um grande desafio. O desemprego nos atinge primeiro, as dificuldades com acesso à creche, educação e moradia também são maiores e apesar dos avanços ainda somos maioria quanto em baixa escolaridade, o que contribui para as dificuldades financeiras e manutenção da família.

Omitayó, nome civil Maria de Fátima, é a primeira *ekedi* do terreiro de mãe Darabi. Mãe solo de Kelewà – nome civil Marília, aos 17 anos. A vida das duas nunca foi fácil. *Omitayó* não concluiu o ensino fundamental e para cuidar da filha trabalha como faxineira. Não tem moradia fixa e a família mora distante. Há 10 anos, conheceu mãe Darabi por intermédio de uma amiga em comum e nunca mais saiu da saia da *ya*. “Não sei o que seria de mim se não fosse mãe Oxum”!. Termina a nossa conversa com essa expressão a cada situação que enfrenta com a filha. Kelewà chegou ao terreiro quando tinha apenas sete anos. “Gostar, gostar de ficar aqui, eu não gosto muito não, mas que jeito? Se eu não viesse para cá não teria com quem conversar, brincar e também aprender algumas coisas sobre a vida, né? Responde Kelewà, sempre que pergunto se ela gosta de estar no terreiro. “E porque você não gosta?” Tento compreender o porquê da insatisfação. Ela responde: “além de querer ficar em casa assistindo TV e vendo internet, tem um povo chato que fica se metendo em minha vida, aí eu

Caderno de Produção Acadêmico-Científica (UFES)

não gosto¹⁰”. Voltemos à citação que abre esse subtópico para compreendermos o cotidiano do povo de terreiro.

Percebo que o *egbé* preserva o modo de viver bem próximo da descrição que Somé faz da sua aldeia, por um lado devido à concepção de família estendida, por outro, por compreender que aquele (a) pertencente à determinada aldeia faz parte da família. Portanto, a identidade é construída a partir desses entrelaçamentos consanguíneos e de vida comunitária. Na Aldeia Dagara, descrita por Somé (2007), eles não conhecem a concepção de tio e tia, muito menos de primos e primas. Para eles, toda tia é uma mãe e todo primo é um irmão. Assim, uma criança quando acorda ela escolhe em que casa quer ficar e lá pode permanecer por dias, meses

Imagem 4 - Omitayó e Kelewá na Festa dos *Erês*



Fonte – (WHATSAPP DO TERREIRO, 2018).

e até anos, e as tias não se incomodam com sua presença ou se sente menos responsável pela sua formação, “é preciso toda uma aldeia para manter os pais são” (SOMÉ, 2007, p. 44).

Kelewá como outras pessoas do terreiro: Afidé, Erintunjí, Aberin, Alaramó são filhos(as) únicos (as), temos também crianças que crescem sem a figura paterna – Bia, PèLokè, Afidè, Kelewá e encontram no Terreiro, nas *Ekedis* e nos *Ogans*, o afeto, a acolhida e o pertencimento a uma família que ultrapassa os limites da concepção de família ocidentalizada. O *egbé* é nosso lugar de restituição familiar onde as pessoas que o constituem têm a oportunidade de crescerem juntas. Cresceram as duas mulheres: Omitayó cresce todos os dias como mãe, como mulher e como *ekedi*, e Kelewá que chegou quando tinha apenas sete anos de idade, hoje, aos dezessete, é *ekedi* também, cuida do seu orixá, Oxóssi e cuida de seus irmãos e irmãs. Seus estudos são incentivados pela comunidade e pelos ensinamentos do axé. É comum ouvirmos de mãe Darabi, que para seguirmos de cabeça erguida enquanto mulheres

¹⁰ O ativismo digital da juventude de Terreiro é tema da minha tese (BORGES, 2019), e essa questão da tradição na contemporaneidade e o encontro dos nativos digitais que têm a vida mediada pelos dispositivos móveis conectados à internet, são alguns temas abordados na pesquisa.

Caderno de Produção Acadêmico-Científica (UFES)

de axé é importante estudar muito: “orixá dá força e disposição para vencermos na vida, rodar no *xirê* (roda dançada nos Terreiros para reverenciar os orixás) é fácil, quero ver é todo mundo girando e vencendo na vida!”. Fala mãe Darabi, sempre que estamos juntas no terreiro. Hoje, Omitayó está fazendo o curso para completar a educação básica. A imagem 4 mostra foi compartilhada pela *ekedi* Omitayó depois da festa dos *Erês*, festa em comemoramos o crescimento das crianças do Terreiro e encantamos a nossa criança interior.

O povo *nagô* é um povo que escolheu pertencer a uma comunidade religiosa da qual se identifica pela sua capacidade de acolhida e partilha de afetos e cuidados, alguns por questões espirituais, outros pelo desejo de pertencer a uma família mais extensa, pautada na responsabilidade de todos por todos. Uma comunidade que partilha de alguns desejos e saberes que, durante anos, os processos de colonização vêm tentando destruir. Uma das questões defendidas pelo povo *nagô* a muito custo é o sentimento de pertencimento, de fazer parte de uma família escolhida, cada um pertencente do *axé*, escolheu por algum motivo particular, estar dentro do *axé*. Para uns foi a doença, para outros foi o desemprego, a falta de família congênita também está como uma dessas escolhas. Há quem quis ser candomblecista por curiosidade pura, foi fazer uma pesquisa e de lá não voltou mais, permaneceu lá (PÓVOAS, 2007). Esse sentimento de pertencimento, “Eu sou do *axé*!”, está cada vez mais presente entre os que vivem nessas comunidades. Outro sentimento desse pertencimento é o sentimento de irmandade. Ninguém vive sozinho. É no coletivo que nos tornamos mais humanizados e, como irmãos e irmãs, precisamos aprender a dividir. Dividir o *ajeum*, dividir as angústias mundanas, partilhar o afeto no abraço trocado e, muitas vezes, oferecer o nosso cobertor nas noites de frio e “construir comunidades em que se possa confiar uns nos outros” (SOMÉ, 2007, p. 44).

Outra mãe solo que me auxiliou na compreensão de como o terreiro se constitui em uma rede de apoio na criação dos filhos e filhas foi *Ajirobá*, mãe de Felipe Pinheiro e Cláudia Pinheiro. *Ajirobá* chegou ao terreiro como Patrícia Lima em 2011, foi levada por sua tia Yolanda e seu amigo Diorley. Quando jovem, conheceu mãe Darabi, ainda como Alba Cristina, atriz no teatro em Itabuna. Mas as duas se reencontram em São Paulo por uma situação muito delicada. Conta *Ajirobá*:

Reencontrei mãe Darabi em São Paulo na mesma situação que milhares de mulheres, como eu, chegam ao terreiro, na dor e no sofrimento. Fui casada durante 10 anos com um homem que me batia quase todos os dias. E para não morrer, fugi de casa com meu filho, que na época estava com 10 anos. Fui para casa desse amigo, que conhecia mãe Darabi e que ela poderia me ajudar. Aí mãe Darabi jogou e disse que ou eu viria embora para Bahia ou meu ex-marido iria me matar, saí de lá fugida e durante cinco anos fiquei aqui escondida dele, eu e meu filho. Se não fosse mãe Darabi e meu pai Xangó não sei o que seria de mim. (Conversa gravada enquanto preparávamos o *amalá* de Xangó).

Diferente de *Ajirobá*, 64% das mulheres negras que foram assassinadas no Brasil nos últimos anos foram vítimas de violência doméstica. Essas mulheres não tiveram a sorte de reencontrar mãe Darabi, mulher negra que constantemente é acionada por outras mulheres na Bahia, mas também em outros países, em sua maioria negras, que buscam no axé, forças para lutar contra o machismo e o patriarcado, que em 2013 violentou 2,4 milhões de mulheres e dessas, 1,5 milhões são negras (WERNECK, 2017).

O racismo e o sexismo influenciaram as relações que determinaram a sociedade brasileira no seu momento fundador. Isso está no DNA de nossa sociedade, é estruturante. E hoje, mesmo considerando tudo o que já mudou em relação ao que consideramos violência, não há como discutir violência contra as mulheres sem discutir racismo e sexismo no Brasil (BAIRROS, 2018, online).

É o *egbé* que auxiliou e continua ajudando *Ajirobá* a superar as cicatrizes da violência que sofreu durante anos, e com ela aprendemos que podemos lutar enquanto viva permanecermos. No *ilê* ela vem educando o seu filho. *OmiAfidè* é o nome de axé do seu filho, Felipe Pinheiro. *Afidé* chegou com dez anos no terreiro e com quatorze anos foi iniciado como *Ogan* da orixá Oxum. É o menino mais amável e solícito do terreiro. Desde que começaram a frequentar, nunca passou as férias escolares de final de ano fora do *ilê*. É ele que cuida das paramentas da orixá, e também é responsável pelas músicas durante o *xirê*, junto com *PèLokè*. É o toque e a delicadeza das suas mãos sagradas na arrumação das comidas que serão oferecidas aos orixás. Apesar da pouca idade, ele sempre se dedica a aprender os saberes produzidos e compartilhados dentro da comunidade de *axé*. Sempre silencioso, no que diz respeito a sua chegada ao terreiro, ele nunca fala do pai ou das motivações que o levaram ao terreiro. A imagem 5 é do ser perfil no Facebook e apresenta as suas táticas para fugir no monitoramento do seu ex-marido

Imagem 5 - Perfil de Ajirobá no Facebook



Fonte: *Etnoprintgrafia* do perfil de Ajirobá (FACEBOOK, 2020).

Para Ajirobá, o Terreiro é o seu norte e seu sul:

Amor, afeto, cuidado e respeito a mim e a meu filho foram os primeiros alimentos que nós encontramos quando chegamos aqui com nossas vidas dilaceradas, depois fui encontrando forças para caminhar e reconstruir a minha vida e minha dignidade de mulher e mãe. Também encontrei trabalhos, voltei a estudar e meu filho tem uma família.

Aos poucos, os fios que compõem a força ancestral vão direcionando o seu caminhar dentro e fora do terreiro. *Ajirobá* foi iniciada como *iyawô*¹¹ em 2014, e como filha de santo retribui à sua *Egbé* tudo que aprendeu durante esses anos, cuidando do seu orixá e de todos e todas que vivem no *ilê*.

Okoloju é uma palavra yorubá que significa encontro face a face. Pertencer a uma comunidade de axé é reconstruir a sua humanidade a partir de uma lógica ancestral que te possibilita um encontro contigo mesmo (MACHADO, 2013). Em cada roda de conversa, durante os afazeres no Terreiro, fui vivendo esse *okoloju*. E como mãe solo, trago aqui um pouco da minha vivência no Sul da Bahia, e como o Terreiro se constitui numa rede de fortalecimento na formação ancestral e no empoderamento das minhas duas filhas e meu.

¹¹ Ìyàwó, iyawô, yao e iaô são palavras de origem iorubá que designam os filhos de santo no Candomblé já iniciados na feitura de santo mas que ainda não completaram o período de sete anos da iniciação. Só após os sete anos, o iaô se tornará um *egbomi* ("irmão mais velho"). Antes da iniciação, são chamados de *abíyàn* ou *abian*.

Como *Ajirobá* e *Omitayó*, eu também escolhi a comunidade de terreiro como espaço para constituir-me como mulher negra. No Terreiro, encontro empoderamento político para o meu fazer e saber pedagógico dentro e fora da comunidade de axé.

Foi, ainda, em Salvador, que assimilei o que significa conhecer o Candomblé e suas potencialidades pedagógicas para os de dentro, e também para quem é de fora. Em 2011, mudei-me para Ilhéus por conta da aprovação como docente na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Ilhéus fica a 450 km de Salvador e a 455 km de Água Fria, minha cidade natal. Os desafios da mudança, a falta de familiares próximos, sem o terreiro de Salvador e pela própria complexidade que é a cultura ilheense, faziam-nos sentir sozinhas. Ilhéus é uma cidade conservadora e marcada pelo coronelismo cacauzeiro. Começamos, eu e minhas duas filhas, a sentir na pele as perversidades do racismo.

Uma mulher negra e com duas filhas para criar no Sul da Bahia possui mais desafios a superar do que morando em Salvador, pelo menos para mim foi assim. Hoje, após morar no Rio de Janeiro por três anos durante o doutorado e com os estudos sobre racismo e discriminação religiosa, compreendo que mulher negra é mulher negra em qualquer lugar do mundo. No primeiro ano de escola em Ilhéus, no Dia das Crianças, minhas filhas me disseram: “Mãe, eu não quero brinquedo, eu não quero viajar, eu só quero que a senhora alise meus cabelos”. Não foi fácil digerir esse pedido. Com esse pedido, começo a pensar que estava mais do que na hora de começar a estudar e compreender as razões que levam as crianças negras a pedirem que alisem seus cabelos, a desejarem a afinar o nariz e os lábios e a esconder seus fios de contas, quando são do Candomblé.

Nilma Lino Gomes (2002), em “Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?” e bell hooks¹² (2005), com “alisando nossos cabelos”, ajudaram-me a compreender como a estética das meninas negras é o primeiro desafio a ser enfrentado em idade escolar.

Se antes a aparência da criança negra, com sua cabeleira crespa, solta e despenteada, era algo comum entre a vizinhança e coleguinhas negros, com a entrada para a escola essa situação muda. A escola impõe padrões de

¹² bell hooks é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins, escritora norte-americana bell hooks é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins, escritora norte-americana nascida em Kentucky – EUA. O apelido que ela escolheu para assinar suas obras é uma homenagem aos sobrenomes da mãe e da avó. O nome é assim mesmo, grafado em letras minúsculas.

Caderno de Produção Acadêmico-Científica (UFES)

currículo, de conhecimento, de comportamentos e também de estética (GOMES, 2002, p. 45).

Quando levei essa questão para mãe Darabi, ela me disse: “deixa alisar, um dia elas voltam”. E fomos encontrando, no Terreiro, força para caminhar. Hoje, sigo como *abyan*¹³ no terreiro e busco nos braços de Oxum afeto e carinho para educar minhas filhas e compreendê-las na sua militância contra o racismo religioso. Ambas são do axé, assim como eu, mas Layza Miranda, a mais nova, foi iniciada em 2015 e hoje é conhecida como Loyá PèLokè e é a *yaTabexi*¹⁴ do terreiro. Nas páginas no Facebook, ela fala das violências sofridas como menina negra, que voltou a usar seu cabelo crespo natural, e candomblecista. Ela diz: “não quero ser tolerada, e sim respeitada”. A imagem 6 expõe o desejo da *ya Tabexi*, ela sentada em uma esteira, no barracão do Terreiro, vestida com roupas de axé, fios de conta no pescoço são os sinais diacríticos da sua religião.

Imagem 6 - Layza Miranda em sua *timeline* em novembro de 2016 para campanha virtual #respeitoJá.



Fonte: *tnoprintgrafia* no Facebook (2020).

¹³ *Abian* é toda pessoa que entra para a religião do Candomblé depois de fazer uma consulta por meio dos búzios com yalorixá ou babalorixá e após ter passado pelo ritual de lavagem de fio de contas ou o *ebori/borí*. Poderá ser iniciada ou não, vai depender do orixá pedir a iniciação. Só deixará de ser *Abian* quando for iniciada, sendo então um *iyáwò*, *ekede* ou *ogan*. O *Abian* tem suas funções na casa relacionadas à limpeza e manutenção, salvo se for um *Abian* antigo e de confiança poderá exercer outras funções designadas pela sacerdotisa ou sacerdote. Saiba mais em: (Heide D’Oxum, 2013).

¹⁴ É a pessoa que é iniciada na religião e tem como função cantar para o orixá.

Pergunto como se sente diante de tantas agressões, ela responde balançando os ombros: “tô nem aí, sirvo o meu orixá, amo o meu terreiro e esse povo nem sabe do que estão falando”. Lamentavelmente, o povo de axé segue lutando contra o racismo religioso.

PèLokè, como é conhecida dentro do terreiro, é a ativista digital mais atuante do Terreiro, quando ela diz “e não nego minha origem”, ela chama atenção para as táticas que muitos candomblecistas usam para seguir invisível e não sofrer o racismo religioso. Além de várias postagens que ela faz em seu perfil pessoal no Facebook, ela tem uma página com a sua função no terreiro com mais de 4.500 seguidores.

Beatriz Miranda, irmã mais velha da *LoyaPèLoké*, que também teve seu corpo marcado pela violência racial, alisou seus cabelos e por anos, não se assumia como menina negra. Passava horas no Instagram e YouTube, assistindo vídeos que ensinam a fazer maquiagem que afinam o nariz e os lábios, e durante muitos anos sonhava em fazer cirurgias que afinasse o seu rosto. Com ela, fui compreendendo que empoderamento é processo, é vivência cotidiana de fortalecimento em rede e que é preciso muitas rodas de diálogos sobre a nossa cultura, sobre os processos de lutas das mulheres negras na diáspora e nos países africanos para que tenhamos forças para resistir contra os processos colonizadores presentes na contemporaneidade.

Há três anos, Beatriz voltou a ter o cabelo natural. Para ela esse processo foi lento e precisou da rede de apoio para que fizesse o retorno. Primeiro ela colou tranças de fibras, mandou a sua foto no privado do Whatsapp para várias amigas, perguntando o que achavam. Entre essas amigas, estavam mãe Darabi, Ajirobá e Kelewà, e só depois de quinze dias, com trança, ela postou a foto no perfil do Facebook. Para algumas pessoas, isso não era necessário, mas para quem passou anos sendo apelidada de cabelo de piaçava, cabelo de pixaim, e tantas outras violências que atravessa a estética da menina negra em formação sabe a dor e a delícia de pertencer a uma raça que há 400 anos é violentada, cotidianamente. As redes sociais digitais foi o *abebe*¹⁵ (espelho), que Beatriz utilizou para afirmar a sua negritude. Mas também, foi por meio através desse mesmo espelho que Beatriz se via negada. Nas páginas do Instagram e do Facebook que seguia, quase não existia representatividade da sua cultura, religião e de mulheres negras como ela. Inicialmente, quase não via mulheres negras com suas

¹⁵ É paramenta utilizado pela Orixá Oxum.

Caderno de Produção Acadêmico-Científica (UFES)

estéticas afrocentradas. A imagem 7 é um mosaico das várias fases do processo de construção da identidade estética de Beatriz Miranda, ainda em movimento.

Imagem 7 – Beatriz Miranda e a irmã Layza no terreiro nos afazeres do cotidiano de axé.



Fonte: (Acervo pessoal, 2020).

O cyberfeminismo¹⁶ negro é recente. Cresce junto com a geração digital e com o advento das mídias digitais. É um movimento, cujo protagonismo é de meninas negras como Beatriz, que usam as interfaces das mídias digitais para falarem dos seus cabelos, gostos musicais, dança, suas roupas, sua religiosidade e do racismo que sofrem diariamente. O ativismo digital das feministas negras também conecta mulheres negras em movimento de várias gerações (BARROS, 2009). É possível acessar os vídeos e os comentários tanto da Beatriz, que tem 18 anos, como da Conceição Evaristo¹⁷ que tem 74 anos de idade, e ambas estão na mesma pauta e buscando os mesmos objetivos: representatividade, visibilidade e o direito de viver. Esses são os elementos que fazem com que meninas como Beatriz siga a Conceição Evaristo no Instagram e juntas elas seguem de mãos dadas, segurando firme o mesmo *abebè*.

A sua existência como mulher negra passa a ter sentido quando ela percebe que não está sozinha. Acolhimentos diversos e múltiplos colaboram para que elas refizessem sua estética e compreendessem que temos o direito de ter o cabelo que queremos ter e que a cor e

¹⁶ (BARROS, 2009).

¹⁷ Maria da Conceição Evaristo de Brito (Belo Horizonte, 29 de novembro de 1946) é uma escritora brasileira. <https://www.facebook.com/conceicaoovaristo>.

Caderno de Produção Acadêmico-Científica (UFES)

a textura dos nossos cabelos serão escolhidas pelas nossas referências africanas preservadas, cultuadas e ressignificadas nos aquilobamentos contemporâneos produzidos a partir de uma educação identitária e antirracista nos terreiros de Candomblé e nas redes sociais digitais. A imagem 8 é uma reflexão do que acontece com essas meninas quando elas saem dos seus espaços de aquilombamento.

Imagem 8 – página de Loyá Pè Lokè, em junho de 2015.



Fonte: *Etnoprintgrafia* do perfil (FACEBOOK, 2020).

A vida das mulheres negras nunca foi fácil. A nossa luta não é só por uma estética afrocentrada, mas também por uma educação que seja construída a partir da nossa história contada por nosso povo que foi apagada dos currículos escolares. Se as crianças negras e brancas brasileiras crescessem num ambiente escolar e familiar que positivasse a cultura africana e afro-brasileira, não estaria aqui, apresentando essas narrativas. Falar das nossas histórias negadas e marcadas por violência é apresentar aos educadores motivações para pensar em produções de conhecimentos inter-relacionados com os saberes e fazeres das comunidades de terreiros que desenvolvem trabalhos ancestrais de reontologização das mulheres negras e homens negros, que secularmente tiveram a humanidade negada.

A narrativa da Loyá Pè Lokè (Layza Miranda) na imagem 8 é um dos inúmeros exemplos que encontramos nas redes sociais digitais, que representa as complexidades que é ser mulher do axé. São várias postagens em que meninas como ela precisam se defender, se resguardar para ter o direito de viver seu axé. Entre “pena que é macumbeira” e diz que respeita, mas entrega um panfleto com versículo da Bíblia numa tentativa de conversão, está a cultura judaica cristã presente em todas as repartições públicas do Brasil, que se diz laico, mas que agressivamente, nos diz que quem não é ‘cristão boa gente não é’.

As mulheres que trago neste artigo, todas elas já tiveram que negar a sua religião para sobreviver. Seja para alguém da sua família consanguínea por medo de perder o afeto, seja para o patrão por medo de perder o emprego e a filha não ter o que comer, seja para as amigas da escola por medo de mais uma exclusão. Todas elas se entristeceram por não terem tido força o suficiente para afirmarem que eram do axé. Mas nem por isso deixaram de servir o seu orixá nem viver o seu axé. Aprenderam, desde sempre, a manter os fios de conta dentro da roupa como algo sagrado, mas também como proteção contra a sociedade racista. “Esconde para ninguém ver” é uma das frases mais ouvidas dentro do terreiro. Mas, numa teimosia ancestral que subverteu as diversas formas de opressão e encontrou várias alternativas criativas na diáspora africana para manter-se vivas e felizes, reunindo forças para manter a sua herança cultural, as mulheres de axé abraçam os ensinamentos aprendidos e apreendidos no cotidiano de axé, e seguem reexistindo.

Os sinais diacríticos do povo de axé vão colorindo e invadindo as redes sociais digitais numa espécie de lavagem das escadarias do Senhor Bonfim, que acontece todos os anos em Salvador, na Bahia. Apesar do avanço do obscurantismo e das religiões neopentecostais, as mulheres de axé estão a dizer: “nenhum passo a menos!” e espalham nas suas *timeline* a força ancestral que faz com que dance, cante e cuide da sua autoestima como mulheres de axé, que cuidam uma das outras e também buscam alimento para a subjetividade e o viver dentro e fora do terreiro.

4 Um passo de cada vez... Inconclusão de uma trilha ainda em construção...

Com o *abebè* de mãe Oxum a mirar as nossas demandas cotidianas como mulheres negras e do axé, seguimos atravessadas pela força da guerreira africana que nos ensina todos os dias que, se o racismo é uma estrutura capitalista de negação da nossa humanidade, ela nos dará condições subjetivas (a força para caminhar) e objetivas (uma família de axé), que nunca nos deixará sozinha nessa sociedade organizada a partir de uma compreensão mercadológica individualista. São essas compreensões que me levaram a olhar esses saberes como fundantes na constituição do movimento feminista presente nos terreiros de Candomblé.

A *epistemologia do pertencimento* tem como pauta de discussão e reivindicação o direito de existir na produção do conhecimento acadêmico como conhecimento emancipador pautado na cultura africana, produzido na África e na diáspora, forjado pelos sujeitos como autores da própria história. O povo nagô não são filhos do diabo nem cultuam demônio, como ouvimos nos programas de TV, em horários de grande audiência. O nosso presente é construído a partir das bases culturais produzidas na preservação da nossa memória de reis e rainhas, que os nossos ancestrais nos presentearam, mas que foi ‘roubada’ no processo de colonização.

Os nossos saberes ancestrais superam a dor e o sofrimento da travessia transatlântica, a solidão e o desencaixe familiar com a separação dos familiares nas senzalas. Deram força e garra para fugirmos das senzalas e depois reconstruirmos nos quilombos e, hoje, nos terreiros de Candomblé, os nossos valores civilizatórios, históricos e culturais. Ainda estamos longe das benesses dos nossos direitos humanos, temos muita luta pela frente. Mas nos enche de esperança ver uma postagem cujo povo de axé se posiciona como pertencente de uma religião que, historicamente, foi/é perseguida.

Referências

BAIROS, Luiza. Dossiê: **Violência contra as mulheres**. 2018. Disponível em : <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossies/violencia/violencias/violencia-e-racismo/>. Acesso em dez. de 2019.

BORGES, Luzineide M. #Soudoaxé: redes educativas e o ciberativismo da Juventude de Terreiro da nação Ijexá. 2019. 241f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: file:///C:/Users/Luzi/Downloads/095317_2015_1-1380-DO.pdf Acesso em: fevereiro de 2020.

BAIROS, Luiza. Nossos Feminismos Revisitados. **Estudos Feministas**, ano 3, 1995. Disponível em: <file:///C:/Users/neide/Downloads/16462-50740-1-PB.PDF> . Acesso em: jun. de 2017.

BARROS, Zelinda. Feminismo negro na internet: Cyberfeminismo ou ativismo digital? 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/1497162/Feminismo_negro_na_Internet. Acesso em: fev. 2017.

Caderno de Produção Acadêmico-Científica (UFES)

CARNEIRO, Sueli; CURY, Cristiane. O Candomblé. In: NASCIMENTO, E. (Org.). **Guerreiras da Natureza mulher negra, religiosidade e ambiente**. São Paulo: Selo Negro, 2008. p. 97- 116.

CHIAVENATO, Júlio. J. **O negro no Brasil**. SP: Cortez, 2012.
D'OXUM, Heide. Sou Abian. Qual a minha função no Axé? **Candomblé da Bahia. On-line**. Disponível em <https://candombledabahia.wordpress.com/2013/05/01/sou-abian-qual-a-minha-funcao-no-axe/>, 2013. Acesso em jul. 2018.

GOMES, Nilma, L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? **Revista Eletrônica Scielo**, Set/Out/Nov/Dez 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000300004&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: nov. 2019.

HOOKS, Bell. Alisando o Nosso Cabelo. **Revista Gazeta de Cuba** – Unión de escritores y Artista de Cuba, janeiro-fevereiro de 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. Disponível em: <http://coletivomarias.blogspot.com/.../alisando-o-nossocabelo.html>. Acesso em: Agost. 2019.

LUZ, Aurélio. M. **Agadá: dinâmica da civilização africano-brasileira**. Salvador, SECNEB-EDUFBA, 2013.

MACHADO, Vanda. **Pele da cor da noite**. Editora: EDUFBA Edição: 1ª, 2013.

PÓVOAS, Rui do Carmo. **Da porteira para fora: mundo de preto em terra de branco**. Ilhéus: Editus, 2007.

_____. **Itan: Segredo das Folhas**. Revista KÀWÉ, Ilhéus, n. 3, 2009, p. 40-42.

_____. **Ilê Axé Ijexá Ogum Xorokê Lajá: a fala da memória no dia da inauguração**. Revista KÀWÉ, Ilhéus, n. 4, p. 1- 68. 2011.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar**. 2º. ed. São Paulo: Odysseus Editora, 2007.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Rio de Janeiro; Vozes. 2017.

WERNECK, Jurema. **Ouçam as vozes das mulheres negras para transformar a sociedade**. Entrevista on-line no dia 28 de Jul. 2017. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/07/28/oucam-as-vozes-das-mulheres-negras-para-transformar-a-sociedade-alerta-werneck> Acesso em: jul. 2018.

WERNECK, Jurema. De Ialodês y Feministas. Reflexiones sobre el acción de las mujeres negras en América Latina y el Caribe. In, CURIEL, Ochy et al, **Feminismos disidentes en América Latina y el Caribe**. Edicionesfem-e-libros, vol 24, n° 2. 2005. P. 27-40